



NO CONTEXTO DE CIBERCULTURA, O QUE PODE A FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA?

IN THE CONTEXT OF CYBERCULTURE, WHAT CAN PHOTOGRAPHY DO IN GEOGRAPHY TEACHING?

EN EL CONTEXTO DE LA CIBERCULTURA, ¿QUÉ PUEDE HACER LA FOTOGRAFÍA EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA?

Nathan Moretto Guzzo Fernandes¹
Vilmar José Borges²
Rebeca Soterio Martins³
Shirlliney Virgínio de Souza⁴
Tiago Cardoso de Melo⁵

RESUMO

O presente artigo objetiva pensar a fotografia como alternativa aos métodos convencionais no ensino de geografia, considerando-a uma linguagem criadora de conhecimentos e produtora de saberes que permite aos estudantes serem participantes do processo de criação, produção e pensamento sobre o espaço geográfico em que estão inseridos. Para tal finalidade, dialoga com autores que trabalham conceitos fundamentais para a disciplina de geografia bem como com autores que estudam fotografia e sua contribuição à educação. Utiliza, como aportes metodológicos, a revisão bibliográfica e o uso de oficinas pedagógicas como ferramenta de produção coletiva e de registro de informações. O trabalho justifica-se pela ampliação do uso de artefatos tecnológicos em geral e, em particular, da fotografia na educação no contexto de cibercultura. Aposta no cotidiano escolar como lugar privilegiado para criações curriculares. E, assim, deriva deste trabalho a realização de uma oficina de fotografias com estudantes do 9º ano de uma escola pública de ensino fundamental. Como reverberações da oficina, os estudantes puderam repensar seus cotidianos e espaços de vivências dentro de múltiplos e contínuos mundos a partir das imagens fotográficas registradas por eles e ainda compreender conceitos geográficos. Conclui que diferentes linguagens, como a fotografia, têm grande potencial pedagógico no ensino de geografia.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia Escolar; Fotografia; Cibercultura; Cotidiano Escolar.

ABSTRACT

This article aims to think of photography as an alternative to the conventional methods in teaching geography, considering it a language that creates and produces knowledges, allowing the students to join the process of

Submetido em: 30/03/2023 – **Aceito em:** 02/07/2023 – **Publicado em:** 19/04/2024

¹Doutorando em Educação pelo PPGE/UFES. Orcid: 0000-0001-9541-9370. E-mail: nathanmoretto1@gmail.com.

² Doutor em Educação Escolar pela UNESP. Orcid: 0000-0002-0846-0621. E-mail: vilmar.geo@gmail.com.

³ Graduanda em Geografia, UFES. Orcid: 0009-0005-8363-9188. E-mail: rebecamartins08@hotmail.com

⁴ Graduando em Geografia, UFES. Orcid:0009-0001-6291-6044.E-mail; virgiliovs@gmail.com

⁵ Graduando em Geografia, UFES. Orcid:0009-0007-5002-0260.Email: tgcardoso@msn.com



creation, production and thinking about the geographic space in which they are inserted. For this purpose, dialogues with authors who work essential concepts to geography subject as well as with authors who study photography and its contribution to education. It utilizes, as methodological contributions, the bibliographic review and the use of pedagogical workshops as tool to collective production and information recording. The work is justified by the enlargement of the use of technological artifacts in general and, in particular, photography in education in the cyberculture context. It bets on the school routine as a privileged place for curricular creations. And, thus, derives from this work the realization of a photography workshop with students of the 9th grade of a public elementary school. As reverberations of the workshop, the students were able to think about their daily lives and living spaces within multiple and continuous worlds based on the photographic images they recorded and also involve geographic concepts in this reflection. It concludes that different languages, such as photography, have great pedagogical potential in teaching geography.

KEYWORDS: School Geography; Photography; Cyberculture; School Life.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo pensar la fotografía como una alternativa a los métodos convencionales en la enseñanza de la geografía, considerándola un lenguaje que crea conocimiento y produce conocimiento que permite a los estudiantes participar en el proceso de creación, producción y pensamiento sobre el espacio geográfico en el que se encuentran. insertado. Para ello dialoga con autores que trabajan conceptos fundamentales para la disciplina de la geografía, así como con autores que estudian la fotografía y su aporte a la educación. Utiliza, como aportes metodológicos, la revisión bibliográfica y el uso de talleres pedagógicos como herramienta de producción colectiva y registro de información. El trabajo se justifica por la expansión del uso de artefactos tecnológicos en general y, en particular, de la fotografía en la educación en el contexto de la cibercultura. Apuesta a la rutina escolar como lugar privilegiado para las creaciones curriculares. Y, así, deriva de este trabajo la realización de un taller de fotografía con alumnos del 9º grado de una escuela primaria pública. Como reverberaciones del taller, los estudiantes pudieron pensar su cotidianidad y espacios de vida dentro de mundos múltiples y continuos a partir de las imágenes fotográficas que registraron y también involucrar conceptos geográficos en esta reflexión. Se concluye que diferentes lenguajes, como la fotografía, tienen un gran potencial pedagógico en la enseñanza de la geografía.

PALABRAS CLAVE: Geografía Escolar; Fotografía; cibercultura; Vida escolar.

INTRODUÇÃO

Sempre há um misto de sensações ao se visitar uma fotografia, além da percepção das mudanças e ou permanências que dizem respeito a ela. Como colocam as professoras Pedrosa e Costa (2017), “produzir imagens é também produzir discursos sobre a vida vivida, o presente e o futuro” (p. 86). Durante o curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, ao entrarmos em contato com estudos sobre análise do espaço, paisagens, linguagens geográficas e educação, percebemos que a fotografia pode ser uma linguagem aliada na compreensão do espaço geográfico.

Afinal, não há como produzir uma imagem fotográfica fora do tempo e do espaço em que esta é registrada. e se entendermos que essas imagens também funcionam como uma forma de comunicação, possuindo características próprias que envolvem o contexto em que estão inseridas, além de uma série de conhecimentos prévios do interlocutor que podem interferir em

sua interpretação, podemos ter nela uma importante linguagem para potencializar os processos de aprendizagem no geral e, em particular, no componente curricular de geografia na escola.

Sobre a fotografia, Susan Sontag (2004) indica que as fotos nos ensinam um novo código visual, modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Segundo a autora, “as câmeras definem a realidade de duas maneiras essenciais para o funcionamento de uma sociedade industrial avançada: como espetáculo (para as massas) e como um objeto de vigilância (para os governantes)” (SONTAG, 2004, p. 195). Como educadores, entender esse papel que a fotografia exerce nos possibilita refletir sobre as condições de transformação de seus usos na escola e desdobrá-la para extrair dela sua potência transfiguradora, uma vez que, alunos e professores somos todos receptores/consumidores delas em nosso cotidiano. Isso nos mostra as potencialidades das fotografias, mas também o cuidado e a necessidade de se desenvolver um olhar crítico no uso delas, pois, a fotografia também é uma ferramenta de comunicação, possuindo uma lógica própria para essa finalidade.

A imagem, em especial, a fotográfica, tradicionalmente se viu relegada a vestígio de memória e fonte verídica das informações nela expostas, sendo um importante instrumento em estudos históricos e documentações. Como assevera Kossoy (2007), antes possuía um cunho demasiadamente documental, porém, ao longo da história, passa a ser vista também como forma de expressão. Sendo um duplo, que desliza entre informação e emoção. Pois as imagens “contém em si realidades e ficções (...) e a fotografia resulta sempre desta construção” (KOSSOY, 2007, p. 53).

Ao nos apropriarmos dessa linguagem que a cada dia está mais presente nas escolas brasileiras, principalmente pela disseminação de aparelhos celulares de professores e alunos que fazem registro de imagens, pretendemos revitalizar os modos de trabalhar o espaço geográfico a partir da fotografia. Dialogamos com Certeau (1994) para pensar em “usos” dos artefatos tecnológicos e culturais no cotidiano escolar como criação, referindo-se às operações próprias dos docentes e discentes que não atuam como meros receptores, mas como usuários criativos.

Entendendo que os engendramentos curriculares são forças em relação à macro/micropolítica (CARVALHO, 2009, 2019), ou seja, tanto estabelecidos a partir das legislações dos sistemas de ensino; diretrizes de órgãos federais, estaduais, municipais; livros didáticos... quanto tecido por professores, crianças, adolescentes, artefatos tecnológicos e culturais, gestão escolar, comunidade... numa flecha lançada no tempo que, ao mesmo tempo que atravessa, é atravessada pelas forças em relação, constituindo uma rede sempre em tensões complexas, por isso, passível de constantes modificações. Nesse sentido, apostamos no cotidiano escolar como redes de relações e comunidade de afetos potentes para criações curriculares onde tecnologias educacionais podem ser transfiguradas a partir de novos usos por professores e estudantes.

No caso da fotografia, é preciso perguntar o que determinadas imagens nos provocam a pensar. O fotógrafo e professor Etienne Samain (2012) nos lembra que, mesmo que negligenciemos seu uso, toda imagem veicula pensamentos, porta memórias, registra um tempo, contextos singulares e é capaz de suscitar ideias quando colocada em relação. “A imagem é capaz de ideias, da mesma forma como sabemos reconhecer esse potencial à frase escrita ou à frase musical. Todavia, a ela negamos essa habilidade sem, no entanto, nos fundamentarmos das razões” (SAMAIN, 2012, p. 35).

Nos dias de hoje, na nova dobra do capitalismo atual, as redes sociais, pensadas como um ciberespaço, se tornaram um palco poderosíssimo de produção e disseminação em massa de imagens fotográficas, muitas vezes, direcionando os usuários para o consumo de mercadorias. É preciso desenvolver a arte de ler as imagens.

Sejam elas, imagens altamente trabalhadas e lançadas por empresas nas redes; ou imagens triviais postadas pelos demais usuários; é impossível não notar sua penetração na vida de estudantes e professores e, por que não - como efeito do bombardeio diário de imagens-propagandas, pensar de que modo elas têm influenciado seus modos de agir e pensar? Interessa, portanto, problematizar, neste contexto da cibercultura, o que pode o uso da fotografia no ensino de geografia?

Nesse sentido, apontamos para a escola como um espaço privilegiado para problematizar o uso das fotografias nesses ciberespaços, refletir criticamente sobre elas e, principalmente, revitalizar seus modos de apropriação em prol de usos criativos que as desloquem da lógica capitalista e que possibilitem aprendizagens inventivas e criações curriculares.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é pensar e propor formas de trabalhar a fotografia como linguagem criadora de conhecimentos e produtora de saberes sobre o espaço geográfico na disciplina de geografia, em que o docente e o estudante dialogam sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula e pensam a Geografia a partir das imagens. Como desdobramento metodológico para alcançar a intenção central, nossos objetivos específicos foram na direção de buscar ampliar o arcabouço teórico relacionado ao uso de fotografias na educação por meio de um levantamento bibliográfico; e como método de produção coletiva de dados realizamos uma oficina pedagógica de fotografia com estudantes do 9º ano, em uma escola pública de ensino fundamental, momento em que tiveram a oportunidade de criar seu próprio material e refletir sobre o espaço geográfico a partir das fotografias produzidas por eles, utilizando seus aparelhos celulares.

Assim, este artigo se justifica, dentre outros fatores, pela ampliação do uso de artefatos tecnológicos na vida em geral e, em específico, da fotografia na educação por ter ganhado ainda mais relevo no contexto da pandemia de Covid-19. No Brasil, mesmo com o cenário de

acentuada disparidade socioeconômica e de acesso à internet, escancarado durante a pandemia, o uso de dispositivos móveis que efetuam registros de imagens, bem como, a propagação dessas fotos no ciberespaço das redes sociais têm tido grande adesão pelas mais diversas idades e camadas sociais. A proximidade que os estudantes teriam em fazer seus próprios registros imagéticos e a forma como, na sua vida cotidiana, já estão inseridos (em sua maioria) em um mundo virtual de propagação de imagens fotográficas tornam evidentes a oportunidade para trabalhar essas ferramentas, considerando também a aderência dos adolescentes a essas novas tecnologias.

Para efeito de elucidação, um estudo promovido pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade de Informação (Cetic.br), encomendado pela UNESCO, indica que, em 2021, 93% dos brasileiros com idades entre 9 e 17 anos são usuários da internet (cerca de 22,3 milhões de crianças e adolescentes)⁶. Neste universo, 78% é usuário de redes sociais, ambientes virtuais que são constantemente perpassados pela linguagem fotográfica.

Outro levantamento feito em 2019 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) indica que 148,4 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade tinham telefone móvel celular para uso pessoal, o que correspondia a 81,0% da população desta faixa etária (IBGE, 2019). Principalmente graças aos dispositivos móveis, a fotografia é corriqueiramente utilizada por todos que têm uma câmera em mãos (PEDROSA; COSTA, 2017). Logo, socioeconomicamente, o tema proposto necessita de ferramentas (aparelhos celulares que façam fotografias) que, conforme os levantamentos indicam, são de amplo acesso pelos adolescentes e jovens, principalmente neste contexto de ciberultura e ciberespaço.

A ciberultura, para Pierre Lévy (1999), um dos precursores no estudo deste tema, é um termo que se refere à cultura que se desenvolve a partir da utilização da internet e das tecnologias digitais em grande escala. É um conjunto de práticas, valores, linguagens, comportamentos e formas de sociabilidade que emergiram com o uso da internet e outras tecnologias em rede.

Já o ciberespaço é sairmos da escala local, regional, nacional, para a escala global, também chamado de “rede” pelo filósofo. Este novo espaço “surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY, 1999, p. 15).

⁶ Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). (2022). Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil, ano 2021: Tabelas de resultados. Disponível em <http://cetic.br/pt/arquivos/kidsonline/2021/pais#tabelas>. Consultado em 16/03/2023.

Ao relacionarmos ciberespaço, ciberultura e educação, a partir do uso de fotografias feitas em dispositivos móveis, sabemos que sua criação não foi pensada exclusivamente para fins educativos, mas desejamos explorar as possibilidades que esse intercâmbio pode proporcionar à educação.

Nos últimos anos, há um aumento de trabalhos que atrelam o conceito de ciberultura e o de ciberespaço, conforme constata Souza (2022), pois ambos decorrem de uma nova dimensão social, resultam de um novo arranjo que cria novos espaços de interação e trocas, compartilhamento de informações e conhecimentos, de um movimento mundial em que predomina a conexão em tempo real. Sendo essas as principais mudanças que os descrevem, elas também trazem consigo novos desafios e possibilidades para a educação já que “o ciberespaço é um espaço de aprendizagem, onde o uso de ferramentas midiáticas se apresenta como um recurso a ser utilizado pelo docente no processo de ensino e aprendizagem” (SOUZA, 2022, p. 237).

Com o ensino de Geografia pelas imagens, pretendemos fazer com o que os estudantes desenvolvam a capacidade de perceber e analisar o espaço geográfico e suas diferentes relações e escalas a partir dos registros fotográficos. Intenção esta que pode não ser efetivamente alcançada quando subsumida apenas com a apresentação de um texto, ou ainda, de um mapa. Por isso, o tema abordado é de suma importância para a educação, pois apresenta uma linguagem alternativa ao uso predominante de outras linguagens no ensino de Geografia, como a oral-escrita e a cartográfica, nas atividades pedagógicas. O mapa tradicional que envolve uma ordem de técnicas e métodos pode parecer "exótico" aos alunos, mas a linguagem fotográfica permite trabalhar o cotidiano dos discentes de forma subjetiva, dando a estes a oportunidade de serem integrados ao processo de criação, produção e pensamento sobre o espaço.

Nas aulas de Geografia, especialmente, quando se quer ensinar sobre espaço geográfico, aprioristicamente são utilizados mapas e, por vezes, eles são o carro-chefe, quase como um destino das aulas do componente curricular. A Cartografia, porém, ainda se apresenta como uma produção predominante dos cartógrafos, limitando os estudantes a pensar o espaço em que estão inseridos apenas pela lente de quem produziu o mapa. Dessa forma, é necessário trabalhar outras linguagens para a compreensão do espaço e a fotografia constitui papel fundamental nisso, pois, como asseveram Oliveira Jr. e Girardi (2011, p. 4), esta é uma linguagem que “tem em si mesma uma dimensão pedagógica/educativa, geradora de conhecimentos e saberes sobre o espaço geográfico”.

A geógrafa britânica Doreen Massey, em seu livro “Pelo Espaço”, nos coloca três proposições iniciais que dão a dimensão do desafio em compreender o espaço e, conseqüentemente, como este conteúdo poderá ser trabalhado em sala de aula. Ela apresenta o espaço como produto de inter-relações, como a esfera da multiplicidade e como sempre em construção. Essas

proposições colocam em xeque as possibilidades da Cartografia como representação espacial, demandando a busca por outras linguagens e por métodos não tradicionais, a fim de alcançar este mesmo objetivo, porém a partir de outra compreensão espacial marcadamente dinâmica (MASSEY, 2012).

Para um aluno morador de uma comunidade pobre em uma metrópole brasileira, a simples representação geográfica através da delimitação do espaço em um plano, proposta por um mapa formal, pode ser objetiva, mas esconde a compreensão espacial dinâmica que o próprio aluno pode ter sobre o espaço e a paisagem que faz parte de seu cotidiano.

O que significam as “pichações” em seu bairro? Como ele enxerga suas ruas e vielas em contraste com o olhar do poder público e de outros moradores da cidade? O que a representação social relacionada a morar em um bairro X ou Y influencia na sua vida cotidiana (desde a busca ao mercado de trabalho, a forma como as forças de segurança tratam moradores, preconceitos em geral ou o acesso a serviços públicos)?

Nosso desafio envolve compreender e tensionar como os estudantes enxergam essas e outras múltiplas questões que permeiam o espaço onde vivem, usando imagens fotográficas produzidas por eles. Pensar os conceitos geográficos como parte de sua realidade vivida, como instrumentos que os auxiliam entender algumas engrenagens de organização do espaço, as diferentes formas da paisagem, uma percepção para além de definições a serem “decoradas”, em algum livro didático, a serem usadas nos próximos exames e, posteriormente, serem esquecidas.

Decorrente dos estudos realizados, nos aproximamos de diversos trabalhos, entre os quais um deles destacamos em especial. Trata-se do trabalho desenvolvido por Flaviana Nunes e Ana Seccato (2015), sobre o qual dialogamos e nos debruçamos atentamente para a criação da nossa oficina. As autoras trabalham a temática do uso de fotografias, em sala de aula, abordando suas relações com o cotidiano dos estudantes. O desenvolvimento da oficina de fotografias, na segunda fase do trabalho, foi realizado com alunos da educação pública, no 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Stellita Ramos, localizada no município de Cariacica-ES.

SOBREVOO BIBLIOGRÁFICO

Este sobrevoos envolve diálogo com uma parcela da atual produção científica sobre o tema em tela. Nele, casamos com o nosso tema o levantamento de bibliografias como ferramentas de pesquisa que garantem sustentação ao trabalho. Nessa busca, “o autor deve se dedicar à leitura

das obras consultadas, tendo uma leitura, exploratória, seletiva e crítica, na função de selecionar, classificar e solucionar o problema da pesquisa ou testar as hipóteses” (SOUZA *et al* 2021, p. 81). A busca foi feita por meio do google acadêmico, utilizando as palavras-chave “geografia”, “fotografia” e “educação”, que resultou em 48 trabalhos, desses, cinco foram escolhidos pela aproximação teórico-metodológica com o aquilo que buscávamos desenvolver.

Com o que tecemos com as bibliografias escolhidas, podemos afirmar a importância e potencialidades que a linguagem fotográfica tem tido na educação e, em específico, no ensino de geografia. Salientamos, também, a necessidade de se formar estudantes com olhar crítico às imagens que os rodeiam cotidianamente através da ciberultura, redes sociais e também no material didático que recebem da escola. Essa fase foi importante para realizarmos com mais segurança à parte empírica de nosso trabalho.

Na obra “Sobre a Fotografia”, uma coletânea de ensaios de Sontag, o ensaio “na caverna de Platão” nos ajudou a entender a fotografia como uma forma de comunicação que “confirma a realidade e realça experiências por meio de fotos, é um consumismo estético em que todos, hoje, estão viciados” (SONTAG, 2004, p. 19).

A autora escreveu isso antes da proeminência do ciberespaço das redes sociais. De forma cirúrgica, ela segue implacável, mostrando como a estética da fotografia nas sociedades industriais traz uma série de elementos de sentimento na relação entre nós e as fotografias, resultando em um tipo de “compulsão”, onde o registro fotográfico vale quase tanto quanto a experiência vivida. Segundo a autora, “ter uma experiência se torna idêntico a tirar dela uma foto, [...] Mallarmé, o mais lógico dos estetas do século XIX, disse que tudo no mundo existe para terminar num livro. Hoje, tudo existe para terminar numa foto. (SONTAG, 2004, p 19).

No artigo “O uso da fotografia no ensino de geografia: relato de experiência com alunos do ensino fundamental II” de Jesus e Gomes (2019), os autores apontam que, conforme acontecem transformações no cenário socioespacial em diversas escalas, surge também a necessidade de novas formas de ensinar geografia de modo que os estudantes compreendam o espaço que habitam, valorizando suas experiências e incentivando a aprendizagem e o desenvolvimento crítico a partir de uma contextualização. Realizam também uma crítica a forma meramente “descritiva e descontextualizada” que o ensino de geografia persiste em ser ensinado nas escolas, tendo como único instrumento o livro didático (usado por alguns professores como “bíblia”, segundo a crítica mordaz dos autores). Um desperdício, considerando que a Geografia é multidisciplinar e trata da realidade vivida pelos alunos.

As professoras criaram um projeto onde os estudantes fizeram uma visita à cidade para fotografar livremente suas percepções sobre o local, seu povo, cultura, história etc. Como resultado, os estudantes tiveram um aprendizado significativo dos conhecimentos geográficos

trabalhados durante o processo e a fotografia se revelou uma linguagem visual importante, pois permitiu aos estudantes revelar, através das imagens, o que possivelmente não diriam por meios escritos ou orais (JESUS; GOMES, 2019).

A contribuição do artigo “Imagem e geografia: a produção fotográfica como instrumento metodológico na educação geográfica”, ao nosso trabalho, se dá principalmente devido à sugestão do modelo de oficinas e de premissas para trazer o cotidiano dos alunos e do seu espaço de vivência (bairro ou cidade) como ponto inicial do debate. A parte empírica do trabalho escrito por Cabral e Lemos consiste em uma oficina de fotografia aplicada para um grupo de alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, onde os autores relatam que “os alunos alcançaram um pensamento espacial e conseguiram atingir um raciocínio geográfico a partir das análises e produção fotográfica” (CABRAL e LEMOS, 2020, p.69).

Ademais, os autores pontuam a importância da interpretação de imagens com olhar crítico e reflexivo e como conceitos da disciplina de Geografia e conhecimento fotográfico podem contribuir para esse olhar. É preciso entender que existe uma lógica de comunicação dentro da produção da imagem. A imagem não é feita por acaso, mas sim foi pensada e selecionada através do olhar do fotógrafo e da escolha de quem a toma como parte de um discurso.

Em “A educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica”, de Seccatto e Nunes (2015), as autoras defendem o ensino da geografia associada ao conceito de “alfabetização do olhar”, trazendo a importância da interpretação da imagem e da compreensão do contexto em que ela está inserida para pensar, de modo ativo, essa forma de comunicação e seus efeitos em nosso cotidiano, pois “essa não é uma característica natural do ser humano é uma habilidade que necessita ser aprendida e exercitada para que passe a fazer parte do dia a dia dos indivíduos” (NUNES e SECCATTO, 2015, p. 71). Por não ser algo “natural”, tem regras que precisam de contextualização e leitura prévia. O olhar crítico e a leitura crítica das imagens demandam trabalho intelectual de interpretação dos discentes tanto quanto outras formas tradicionais de linguagem, como a matemática ou a escrita formal.

No trabalho “Linguagem fotográfica e ensino de Geografia: experiências desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/Geografia/UFGD 1” (2016) de Nunes, a professora põe em prática o potencial das linguagens imagéticas, por meio de experimentos com alunos do PIBID/Geografia em diversas escolas. O projeto inicial surgiu da percepção do déficit educacional relacionado ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A autora constatou que “uma das maiores dificuldades em relação à Geografia referia-se à leitura e análise de mapas, gráficos e tabelas, entre outras linguagens não verbais ” (NUNES, 2016, p. 31). Diante disso, a professora passou a desenvolver, junto com os estagiários do



PIBID, um projeto que corrigisse essa falta. E uma das soluções encontradas foi fomentar projetos que viessem a discutir fundamentos da disciplina associados à fotografia.

Uma das experiências envolveu alunos dos 7º e 8º anos do Ensino Fundamental. Os estudantes produziram fotos sobre os seguintes temas: “Como é o meu bairro”; “Os problemas ambientais no meu bairro”; “Como é minha escola” etc., de forma que as fotos retratam, através de seu olhar, o seu espaço de vivência e interação social. Isso nos inspirou a pensar nossa oficina e quais critérios usar. Ajudou-nos a pensar em como trazer o cotidiano dos alunos e fomentar a compreensão de conceitos básicos da disciplina de Geografia, pelo seu próprio olhar, através de fotografias produzidas por eles. Como resultado, “despertou um olhar mais apurado dos alunos da educação básica sobre suas vivências e experiências espaciais cotidianas a partir das imagens registradas por eles próprios” (NUNES,2016, p.46).

A tese de doutorado de Pires, “Imagens e mediações simbólicas no ensino de Geografia: a fotografia na aprendizagem da paisagem urbana”, defendida em 2020, traz a importância do uso das imagens na mediação do processo educativo para a aprendizagem. Segundo o autor, as imagens “devem ser usadas no processo de ensino e aprendizagem de Geografia como linguagem capaz de mobilizar as operações cognitivas, visando ao desenvolvimento de um pensamento geográfico, com e pelas imagens” (PIRES, 2020, p. 17).

Concordamos com o autor que se faz necessária a busca por alternativas que vão além da mera exposição oral do conteúdo ou da leitura do texto de referência. Michel Young (*apud* PIRES, 2020, p. 28) argumenta que o futuro da educação deve migrar de um “currículo baseado em acatamento” onde os alunos simplesmente “acatam” as instruções e ensinamentos escolares para o “currículo baseado em engajamento” em que as experiências e o conhecimento anterior do aluno são considerados no processo de ensino e de aprendizagem. Dentro desta lógica, a produção de imagens fotográficas pelos próprios alunos, a percepção dos conceitos geográficos por meio de um trabalho coletivo sobre suas próprias vivências tem um forte potencial de engajamento e aderência dos discentes, uma vez que não ignora seu cotidiano nem suas experiências particulares para a construção do conhecimento. O que corrobora nossa discussão sobre a importância do protagonismo do estudante em que este é participante na produção de conhecimento e do material trabalhado na aula.

O diálogo com outros autores nos permitiu conhecer abordagens pedagógicas que outros professores e pesquisadores utilizaram e a forma como relacionam fundamentos teóricos da disciplina de Geografia com a linguagem fotográfica. Ainda, como instigar a discussão em sala de aula e quais os resultados isso pode proporcionar, além de conhecer os desafios que surgiram em suas jornadas.

FOTOGRAFIAS CARTOGRAFANDO O ESPAÇO

A partir das reflexões possibilitadas pelo levantamento bibliográfico inicial, planejamos uma oficina que foi realizada na EEEF Stellita Ramos com alunos da turma de 9º ano, no segundo semestre de 2022. Ao todo participaram dezenove estudantes. O objetivo foi trabalhar a fotografia como forma alternativa de pensar conceitos geográficos básicos do componente curricular, especialmente voltados ao espaço geográfico (lugar, paisagem, tempo, região). O exercício de campo foi desenvolvido como parte empírica do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia, na UFES, em parceria entre Universidade e escola pública.

Para a realização da atividade, o apoio do professor regente, dos estudantes, da equipe pedagógica e da escola como um todo foi essencial. O tempo todo foram generosos e acolhedores conosco. Durante os momentos em que estivemos no local, buscamos compor com a escola, auxiliando naquilo que estivesse ao nosso alcance. Desejávamos “re-forçar”, no sentido de colocar mais força nos movimentos tecidos no cotidiano escolar, pedindo licença ao entrar e ao sair agradecendo àqueles que são os atores e autores do cotidiano escolar.

A escola Stellita Ramos fica em um bairro chamado Porto Novo, em Cariacica-ES. O bairro está às margens do Rio Santa Maria, construído sobre o aterramento do mangue, entre morros e várzeas, numa região periférica e de vulnerabilidade social. Dentro do bairro, a escola localiza-se nas bordas de um morro e atende um público de pouco poder aquisitivo, em sua maioria. Os estudantes residem no bairro Porto Novo e, também, em bairros vizinhos como Porto de Santana.

Realizamos dois encontros com os estudantes. No primeiro, apresentamos algumas fotografias de Thomas Farkas⁷ para proporcionar aos estudantes contato com o aspecto artístico da linguagem fotográfica e seu caráter estético, além de promover o contato com obras que retratam o cotidiano e fogem do comum. Também apresentamos o vídeo “Conceitos Geográficos”⁸ de Guilherme Durans para apresentar conceitos relacionados ao espaço geográfico e, assim, favorecer a percepção inicial dos estudantes sobre esses conceitos e seus espaços de vivências.

⁷Thomaz Jorge Farkas (Budapeste, outubro de 1924 – São Paulo, março 2011). Fotógrafo, professor, produtor e diretor de cinema.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XwDpDc1p6V4>> Acesso em: 03 Fev, 2023.

Figura 1 - Praia de Copacabana, Thomaz Farkas



Fonte: Instituto Moreira Salles, 1947

Após a breve apresentação dos conceitos, pedimos aos alunos que trouxessem, na aula seguinte, que seria na outra semana, uma fotografia de um lugar ou paisagem que eles gostassem, algo que tivesse relação afetiva ou lhes chamasse atenção por algum motivo. Também deveriam discorrer em um curto parágrafo, sobre as motivações e questões que os fizeram gerar tais imagens fotográficas. Eles foram orientados a enviar as fotos e os textos através do aplicativo *WhatsApp* para um dos membros do nosso grupo.

Os estudantes receberam a atividade com bastante curiosidade. Alguns apresentaram dúvidas que foram dialogadas com a turma. Uma aluna perguntou se poderia tirar foto de um livro, já que gosta muito de ler, e logo uma colega sugeriu que tirasse a foto de uma biblioteca. Solução aceita. Outro aluno perguntou se poderia ser fora do bairro e a resposta foi afirmativa. A turma estava engajada, interrompiam-se mutuamente querendo expor cada um a sua proposta para a atividade. Esta, que apesar de pensada, organizada, planejada inicialmente, estava aberta a novas configurações que emergem no cotidiano escolar, sendo revirada, negociada, agenciada pelos alunos em suas proposições.

O segundo encontro consistiu em ver as fotografias dos estudantes juntamente com eles e ouvir suas narrativas para discutir os conceitos da Geografia trabalhados em conexão com seus saberes e suas fotografias. Foram 19 fotografias produzidas retratando paisagens e lugares externos e internos. Buscando garantir a privacidade dos estudantes, dos professores e demais envolvidos neste trabalho na escola, seus nomes não serão expostos.

Um dos estudantes teve problemas com seu aparelho celular e não conseguiu enviar a foto com antecedência, mostrando-a apenas no momento da aula. Compreendendo a situação, aceitamos seu trabalho e dissemos que ele não teria a nota prejudicada. Esse acontecimento chama a

atenção pelo fato de que, apesar de tecnologias como o *smartphone* serem cada vez mais acessadas e os dados estatísticos indicarem um alto índice de pessoas com aparelhos celulares. Isso não significa que, em todo e qualquer contexto socioeconômico, todos tenham acesso a essa tecnologia ou à internet.

De início, a turma demonstrou timidez para compartilhar sobre suas produções e os alunos queriam que falássemos por eles. Porém, depois de alguma insistência, aos poucos passaram a interagir e falar por si mesmos. Conforme viam as fotos uns dos outros, comentavam, faziam perguntas, elogiavam ou criticavam.

Figura 2 - A quadra mais querida do bairro



Fonte: Produção dos estudantes, 2022.

A primeira fotografia (Fig. 2) sobre a qual dialogamos retrata uma quadra do bairro. Em preto e branco, o estudante registrou de um ângulo estratégico o local inteiro, expondo o grafite nas paredes e as árvores ao redor. No momento, vários estudantes sorriram e comentaram sobre conhecer o local, relatando visitá-lo com frequência. O autor da foto disse: *“Gosto de frequentar muito a quadra nos finais de semana, eu e meus amigos vamos lá para nos divertirmos, para passar o tempo do dia e conversar bastante”*. Foi uma das que mais se aproximaram das características presentes na obra de Farkas apresentadas, inicialmente, por nosso grupo.

É importante salientar que, apesar de não termos conversado sobre técnicas e elementos fotográficos do fotógrafo de forma aprofundada, devido ao tempo disponível, é possível notar que algumas características estéticas estão presentes, intencionalmente, nas imagens produzidas pelos estudantes, como ângulo e luminosidade. Isso nos mostra que os estudantes entraram em relação com o signo artístico apresentando na aula para criar seus registros

fotográficos e exibir seu mundo. Como lembram Oliveira Jr. e Girardi, "a escola é apenas um dos muitos e múltiplos universos culturais em que a construção de conhecimentos ocorre" (OLIVEIRA Jr. e GIRARDI 2011, p. 4).

Figura 3 - Uma singela, mas importante calçada.



Fonte: Produção dos estudantes, 2022.

Enquanto a primeira foto (Fig. 2) teve um cuidado com o enquadramento e a luz, a figura 2 foge a esses padrões. O autor preferiu mirar a lente para baixo e registrar a calçada com o pavimento rachado da rua onde reside, sob as sombras das construções ao redor e fiação acima. Quando exposta, esta fotografia (Fig. 3) causou críticas negativas e indagações, como “*por que tirou foto do chão?*”, “*não sabe nem fotografar, olha isso*”. O aluno logo defendeu sua produção, alegando que essa é a calçada em frente à sua casa, onde se reúne com os amigos, brinca ou fica sentado no meio fio conversando com eles. Ele disse: “*Eu escolhi a frente da minha casa, porque sempre fico ali com meus amigos sentado na calçada conversando ou na rua jogando bola*”.

Apesar das críticas dos amigos, a fotografia em questão evidencia um bom exemplo da conceituação de Massey (2012) acerca do espaço em que a autora reconhece como “a esfera da multiplicidade coexistente, o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora” (2012, p. 88). Essa simples calçada com calçamento rachado e, aparentemente, sem nenhum atrativo,

é o *playground* deste estudante e, para ele e seus amigos, é um espaço distinto e cheio de significados. Algo que os próprios colegas de turma, que também transitam no local, não conseguiam perceber - a importância e as relações envolvidas, mas, como salientam Jesus e Gomes (2019), foram ditas através da fotografia, revelando o “que possivelmente não diriam se fosse por outros meios escritos ou orais” (JESUS e GOMES, 2019, p. 2208).

Figura 4 - A liberdade restrita



Fonte: Produção dos estudantes, 2022.

A princípio, esperávamos apenas imagens externas retratando paisagens do bairro em que os alunos vivem ou lugares em que passeiam. No entanto, talvez por influência da pandemia da Covid-19 ou da faixa etária dos estudantes (entre 14 e 15 anos), tivemos várias fotografias de áreas internas das casas onde residem. Pode-se dizer que a pandemia restringiu o olhar e os horizontes dos estudantes, pois permaneceram muito tempo isolados uns dos outros, enfraquecendo as relações interpessoais. Por meio de nossa conversa, notamos os efeitos da introversão e isolamento e descobrimos a ânsia por liberdade de vários alunos.

Uma parcela razoável das fotografias retratou ambientes internos. A casa, o quintal e até mesmo a mesa de jantar arrumada. A autora da foto acima (Fig. 4) disse: *“Eu tirei foto do quintal da minha casa, e eu tirei foto desse lugar porque é aqui que eu e minha família nos reunimos em alguma data especial. Adoro me juntar com toda a minha família e ficar conversando sobre o passado deles, e sobre como eles aprontavam.”* Para vários estudantes, o ambiente privado de reunião familiar é referência de segurança, liberdade e entretenimento.

Figura 5 - A pracinha



Fonte: Produção dos estudantes, 2022.

Isso nos leva a questionar sobre a percepção que os estudantes têm quanto aos ambientes externos que compõem o bairro em que vivem. Houve duas fotografias na pracinha localizada no bairro dos estudantes. O autor da foto acima (Fig. 5) compartilhou: *“essa é a pracinha de onde eu moro, gosto muito de ir no meu tempo livre lá, pois passo meu tempo com meus amigos me divertindo e colocando os papos em dia.”* Os estudantes relataram que o local é um dos poucos lugares de lazer no bairro. E de forma adjacente, questões transversais surgiram no

diálogo: como é o acesso dos estudantes a aparelhos do Estado? Por quais motivos o bairro tem poucas áreas de esporte e lazer voltadas aos adolescentes?

Depois que um dos componentes do nosso grupo comentou que a pracinha geralmente é um lugar onde relaxamos, vários estudantes discordaram e disseram “*nessa aí não*”. Quando perguntamos o motivo, apontaram aspectos relacionados ao tráfico de drogas presente na região. Isto fez com que questionássemos sobre a formação do bairro, a violência em áreas periféricas e suas territorialidades. Por que para alguns a pracinha é um local visitado com frequência e para outros não? Por que a quadra, outro local de lazer do bairro, teve apenas comentários positivos enquanto a praça teve muitas ressalvas?

Figura 6 - O que mudou na paisagem?



Fonte: Produção dos estudantes, 2022

Também conversamos sobre paisagem ao apresentar esta foto (Fig. 7) com a vista de uma das ruas do bairro pela qual uma das estudantes faz seu percurso diário no trajeto casa/escola e escola/casa. A autora registrou casas com características semelhantes aos presentes em outras fotos. Janelas de madeira, lajotas e fiação elétrica exposta. Segundo o grande geógrafo brasileiro Milton Santos (1988), a paisagem é “[...] tudo aquilo que nossa visão alcança [...]

Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (SANTOS, 1988, p. 61) e permeia o cotidiano dos discentes.

Ao falar sobre a paisagem presente em sua fotografia, a estudante comenta: *"na verdade, era tudo mangue, mas estão aterrando e colocando um monte de casa"*. Através da fotografia, a aluna conseguiu descrever mudanças na paisagem do local observadas por ela e nos revelou aspectos sobre a formação social e ambiental do bairro. Como Nunes (2016), acreditamos que as fotografias produzidas “provocaram o movimento do pensamento, na medida em que impulsionaram aqueles que as observaram a identificarem elementos, estabelecerem relações, comparações e produzirem indagações sobre o observado” (NUNES, 2016, p. 46-47).

As narrativas dos estudantes servem também como ponte para outros temas relacionados à disciplina, como as ocupações em áreas de vulnerabilidade, os problemas de habitação e a importância da sociabilidade produzida no ambiente escolar. A autora da foto (Fig. 6) disse: *"Gosto muito de ir para a escola, mas não da parte de estudar e sim ver meus amigos, rir, brincar com brincadeiras de adolescente e tal. Ir pra escola mesmo quando estou triste é muito bom!"*. Ou seja, para a estudante, o espaço de socialização no convívio escolar é tão importante para sua vida, a ponto de o caminho do trajeto da sua casa para a escola ser a paisagem mais interessante para ela.

Figura 7 - A hora mais feliz do dia



Fonte: Produção dos estudantes, 2022.

Ao exibir a foto acima (Fig. 7), os alunos logo reconheceram a rua da escola. Enquanto o autor da foto falava sobre suas motivações, outro aluno comentou “*é pra representar a hora mais feliz do dia, a que vamos embora da escola*”. Mesmo que em tom de brincadeira, enunciados como esse trazem a necessidade da contínua reflexão acerca das políticas e práticas desenvolvidas nas escolas, o uso da rígida disciplina e hierarquia escolares voltadas para uma relação de submissão, e não a construção da autonomia do aluno, o aprisionamento curricular ao livro didático e as avaliações externas. Em vez de ignorar, refletir nos parece ser o caminho mais sábio, repensar é abrir possibilidades de criar novos espaços escolares: acolhedores, sustentáveis, de aprendizagens significativas, de bons encontros.

Nesse quesito, trazemos novamente a fala de Pires (2020) sobre o “currículo baseado em acatamento” em que o aluno apenas recebe o conteúdo, ao invés de participar na produção de conhecimento. Conversando com o professor regente, após a oficina, descobrimos que o estudante que fez o comentário costuma participar melhor das aulas quando o conteúdo e atividades pedagógicas fogem do convencional. Ou seja, este estudante foge àquilo que seria um modelo de “aluno ideal”, via de regra, seria classificado como “desinteressado”, no entanto, durante a oficina ele participou efusivamente.

Figura 10 - A beleza fora do bairro



Fonte: Produção dos estudantes, 2022.

Por fim, trazemos acima uma fotografia que foi produzida fora do bairro dos estudantes. A autora disse: “*Aí, esse é um lugar que eu gosto muito! É a praia de Camburi lá em Vitória, eu gosto principalmente da praça e andar de bicicleta nas calçadas*”. Na foto, vemos pavimentos sem rachaduras e sinalizados, postes com luzes nos dois lados, área arborizada e com trabalho de paisagismo, zona de proteção da restinga, ciclovia, calçadão, a praia ao lado e ao fundo, um conjunto de prédios verticalizados. Através dessa foto, conversamos com os alunos sobre a



paisagem que foi modificada pela ação humana ao longo da história e quais ações antrópicas eles conseguiam perceber no calçadão da praia, ou mesmo nas do seu bairro.

A imagem em questão é da orla de uma praia da capital do estado e traz características bem diferentes do bairro Porto Canoa, onde vivem os estudantes. Esse fato nos fez pensar o motivo da escolha da estudante: Teria sido ela influenciada pela construção imagética a que todos estamos submetidos através das redes sociais com suas foto-propagandas assépticas, mirando a perfeição? Pelos materiais didáticos com suas fotografias de paisagens idílicas? Ou seria esse registro simplesmente resultado de um voluntarismo ingênuo para mostrar uma bela paisagem que contrasta com as “faltas” que há no bairro em que mora?

Áreas externas fora da cidade que envolviam diversão, esporte ou entretenimento também foram resultado de outras produções. Esses locais, no entanto, demandam esforço de locomoção para outras cidades, além de despesas financeiras. Sendo assim, os passeios e visitas a esses espaços, como o calçadão da praia de Camburi, em Vitória, ou a própria praia em si, existem como momentos eventuais no cotidiano de vários estudantes. No imaginário ou na lembrança das fotografias criadas desses espaços, resultantes das relações positivas ou negativas que têm com o bairro em que residem.

Por quais motivos determinados bairros possuem mais ofertas de serviços e recursos públicos que outros? Como esses critérios funcionam e como isso afeta o cotidiano dos estudantes e moradores do bairro? Com essas fotografias produzidas pelos estudantes na oficina, debatemos com eles questões relativas ao bairro onde moram; diferenças entre determinadas regiões da cidade; construção e ocupação da área urbana; meio ambiente; desigualdade social; violência; os espaços de convivência e lazer. Problemáticas tão caras à Geografia puderam ser ensinadas, aprendidas, de maneira dialógica. As fotografias foram instigando conversas, invocando saberes para além do esperado.

REGISTROS FINAIS

Esse trabalho não pretende tornar-se uma cartilha pedagógica de como usar ou um modelo de como fazer. Não existe uma fórmula pronta para elaborar oficinas de fotografia. Não pretendemos encerrar o debate acerca das novas linguagens na educação. Antes, é um convite para aberturas, para vivenciar a arte na escola sabendo que ela pode ser explorada por todos, um desejo de experimentar novos usos de artefatos tecnológicos no cotidiano escolar. Nesse movimento, que força as práticas a se deslocarem do lugar comum, criam-se outros múltiplos modos de ser-fazer e, com eles, as aprendizagens tornam-se outras e os saberes encharcados de vida.



Não existe fórmula pronta, mas é certo que devemos planejar os encontros, conhecer o tema, criar dinâmicas, traçar planos de ação, avaliar as possibilidades, tecer alianças, valorizar a comunidade, aprender com outras experimentações. Com a oficina de fotografias, os estudantes tiveram a oportunidade de olhar para o bairro onde vivem de forma diferente através das fotos, puderam expressar o que pensam e desenvolver um olhar crítico e reflexivo sobre os aspectos socioeconômicos, políticos, ambientais e históricos nos espaços em que transitam. Além disso, puderam compreender os conceitos geográficos trabalhados em sala de aula a partir das imagens que eles mesmos produziram.

Lembrando da conceituação de Doreen Massey (2012) acerca do espaço - como produto de interrelações, de multiplicidades e sempre em construção – podemos observar uma construção coletiva e atravessada por múltiplas vivências no espaço geográfico que transitam os estudantes. As várias trajetórias dos diferentes alunos tecem um imaginário do bairro de periferia, ora violento e sem muitas opções de equipamentos públicos de lazer, outras vezes, anunciam a calçada, a casa e a escola como lugares de bons encontros, trocas, de constituição de amizades e espaços de cooperação.

As fotografias realizadas pelos estudantes fomentaram discussões relevantes sobre o cotidiano vivido por eles e permitiram uma produção coletiva do espaço geográfico. As imagens produzidas pelos alunos contribuem para a compreensão de diferentes conceitos geográficos e suas narrativas abrem leque para inúmeras questões que podem ser trabalhadas de forma contextualizada com as realidades dos alunos. Realidades em que estes exercem a criatividade e autonomia ao produzir suas fotografias e compartilhar suas narrativas. Isto ressalta a importância da discussão e criação de atividades pedagógicas com diferentes linguagens, como a fotografia, tendo em vista o contexto de ciberultura presente e o grande potencial pedagógico e educativo que possuem para o ensino de Geografia.

Ao final da oficina, quando perguntamos se os estudantes gostaram da atividade, vimos a imagem de uma turma com olhares alegres, alguns preferiram manifestar dizendo: “foi uma das melhores aulas de Geografia que já tivemos”. Essa fala, os sorrisos, os gestos, a partilha de saberes, a alegria daquele momento é a última imagem que temos do trabalho desenvolvido, guardamos como se fosse uma fotografia que cria boas sensações e guarda memórias.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Gabriel Carvalho; LEMOS, Linovaldo Miranda. Imagem e Geografia: a produção fotográfica como instrumento metodológico na educação geográfica. In: X Fórum Nacional de Formação de Professores de Geografia. **Anais do X NEPEG**. 2020. p. 69-80.



- CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii, 2009.
- CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 21, n. 1, p. 47-62, 2019.
- CERTEAU, Michel de; **Invenção do cotidiano**, 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Notas Técnicas. Versão 1.5**. 4. ed. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Rio de Janeiro. 2019.
- JESUS, Quele Oliveira de. GOMES, Antenor Rita. O uso da fotografia no ensino de geografia: relato de experiência com alunos do ensino fundamental II. In: XIV Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. **Anais do XIV NEPEG. 2019**. p. 2197-2209.
- KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Ateliê Editorial, 2007.
- LÉVY, Pierre. **Ciberultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- NUNES, Flaviana Gasparotti; SECCATTO, Ana Gláucia. A Educação pelas imagens: diálogos sobre as potencialidades da linguagem fotográfica. **Espaço Plural, Marechal Cândido Rondon**, v. 16, n. 32, p. 68-99, jan/jun. 2015.
- NUNES, Flaviana Gasparotti. Linguagem fotográfica e ensino de Geografia: experiências desenvolvidas no PIBID/Geografia/UFGD. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 28-48, set./dez. 2016.
- OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. GIRARD, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Goiânia, 2011. **Anais do XI ENPEG**, Goiânia, 2011, v.1, p. 1-9.
- PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo; COSTA, Ana Valéria de Figueiredo da. Fotografia e educação: possibilidades na produção de sentidos dos discursos visuais. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 28, n. 1, p. 78-94, 2017.
- PIRES, Mateus M. **Imagens e mediações simbólicas no ensino de Geografia: a fotografia na aprendizagem da paisagem urbana**. 2020. 258 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- SAMAIN, Etienne (Ed.). **Como pensam as imagens**. Editora da UNICAMP, 2012.



SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. 1. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

SOUZA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p. 64-83, fev/mar. 2021.

SOUZA, Sandra Cristina Morais de. Ciberultura e educação: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Teias**, v. 23, n. 68, p. 237-249, 2022.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.